

FOTOS: NILO TARDIN



FUKE, hoje com 86 anos, mostra foto do vapor Juparanã, onde trabalhou como ajudante de cozinha

Barco veio da Alemanha para ser montado em Colatina

O professor Altair Malacarne pesquisou os áureos tempos da navegação do Rio Doce quando navios de casco de ferro cortavam o então caudaloso rio – hoje sujo, poluído e assoreado. Descobriu que o Juparanã foi adquirido na Alemanha pelo governador – na época chamado presidente do Estado, Florentino Avidos.

“Veio desmontado e armado com perfeição em Colatina pelo russo Pedro Epichim. Ele trabalhava em João Neiva na Companhia Vale do Rio Doce. Foi convidado a operar a embarcação. O Juparanã navegou nas águas do Rio Doce até o final da década de 40, quando foi abandonado”, relatou Altair.

Pelo histórico do navio, o vaporzinho tinha 26 metros da proa à popa, e seis metros de largura.

Possuía oito camarotes de primeira classe, com maçanetas de porcelana, distribuídos no segundo dos três andares do navio, onde também havia restaurante, cozinha e acomodações de segunda classe.

No primeiro, ficava a casa de máquinas, que tocavam sua roda d'água. Fazia sua saída de Colatina para Linhares às terças-feiras às 7 horas. Chegava a Linhares à noite e pela manhã seguia para Regência. Na quinta, regressava a Linhares e na sexta, a Colatina. A rota era feita cinco vezes por mês.

No Rio Doce também circulavam naquela época outros dois navios menores, o Tupy e o Tamoyo, além da lancha Dondoca.

De acordo com Malacarne, a navegação do Rio Doce tomou impulso através do vapor Juparanã ao fazer o trajeto de Colatina a Linhares, já que a ferrovia não vinha no Norte do Rio Doce. “O presidente Florentino Avidos veio inaugurar o Juparanã”, disse.

Depois de exercer variadas atividades, Fuke se aposentou como pedreiro.



MALACARNE destacou história

A EMBARCAÇÃO

ARQUIVO/AT



BARCO navegando o Rio Doce



PASSAGEIROS desembarcam



PEDRO EPICHIM, o comandante

VAPOR JUPARANÃ

Fuke, o último tripulante a bordo

João Cavalcante conta histórias vividas na embarcação que fazia viagens de Colatina a Linhares de 1927 até o final da década de 1940

Nilo Tardin
COLATINA

Aos 13 anos, Fuke era um menino de calças curtas que vivia a engraxar sapatos nas ruas de Colatina até deixar a escola para embarcar na viagem do sonho de ser marinheiro a bordo do navio a vapor Juparanã que navegou pelo Rio Doce de 1927 até o final da década de 40.

O mais jovem dos marujos do “vaporzinho”, João Cavalcante

Batista, o Fuke, hoje com 86 anos, engajou na tripulação na função de ajudante de cozinha.

Durante um ano e oito meses, além de descascar batatas, alho, cebola e cortar legumes, o menino desempenhava as tarefas de “moço de convés”, trabalho duro e pesado de limpeza, além de deixar o assoalho brilhando tal qual exigia o comandante Pedro Epichim.

Imigrante russo que cursou Engenharia Naval em seu país, Epichim fora convidado a integrar o Serviço de Navegação do Rio Doce e construir o Juparanã, segundo o professor Altair Malacarne.

Fuke recorda do capitão Epichim como homem severo que não permitia cachaça a bordo e falava com sotaque carregado, sempre atencioso com os passageiros e seus 12 tripulantes.

“Sonhava ser marítimo. Não deu.

Meu aprendizado foi por água abaixo assim que o ‘vaporzinho’ encalhou no banco de areia e na lama. Acabou naufragando perto de onde é hoje o Batalhão da Polícia Militar. Levou com ele minhas alegrias e tristezas de garoto”, disse Fuke.

O convés e o salão de refeições do Juparanã eram confortáveis, com três grandes mesas emparelhadas. A embarcação era iluminada, luz gerada pelo próprio motor do vaporzinho, motivo de encanto para o garoto pobre conhecido em Colatina por recolher roupas sujas e entregar na lavadeira de um chinês na Rua Santa Maria, onde ganhou o apelido Fuke.

“Fui criado pela minha tia, meus três irmãos se espalharam pelo mundo. Encorajado pelo timoneiro Mário Penha, fui trabalhar no Juparanã por um pequeno salário e gorjetas”, revelou.

Comida farta e abundante

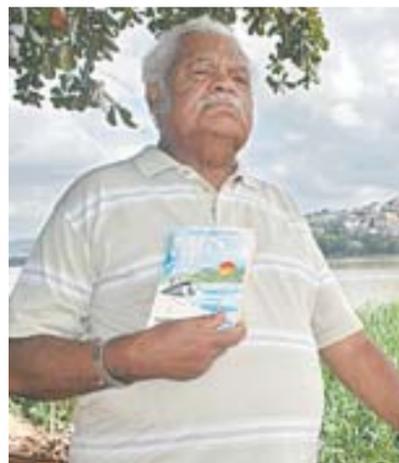
Em 1927, o Juparanã iniciava suas viagens entre Colatina e Regência, em Linhares. A compra do navio pelo Estado foi uma solicitação de influentes fazendeiros e políticos linharenses obrigados a viajar em lombo de burro ou canoas.

Sua capacidade de transporte era de 30 toneladas e mais de 100 passageiros, o que exigia um grande esforço da cozinha. A comida a bordo era farta e abundante, um prato cheio para Fuke, que parou

de estudar para ajudar a tia com o salário que ganhava no barco.

“Ficava o dia todo na despensa picando verduras e legumes, além de recolher e lavar os pratos. O cozinheiro era o Petronilho. Nas paradas em fazendas e ilhas, ele comprava carne de capivaras, pacas, tatus e pássaros abatidos pelos moradores”, contou Fuke.

“Os pratos à base de caça eram opcionais. O forte era a carne de porco”, lembra.



LIVRO

Momentos finais

O naufrágio do vapor Juparanã, a ocupação do casco por prostitutas e meninos de rua como refúgio da polícia foram registrados por Filogônio Barbosa de Aguiar no livro “Naufrágios da Esperança”, história do barco soterrado na década de 1970, na construção do aterro da Avenida Beira-Rio.

“São casos reais. Colatina enterrou um símbolo da sua história”, afirmou Filogônio.

Tripulação

- > **COMANDANTE:** Pedro Epichim
- > **IMEDIATO:** Ilton Epichim
- > **TIMONEIRO:** Mário Penha
- > **COZINHEIRO:** Petronilho
- > **FOGUISTA:** José Miguel
- > **MARINHEIROS:** Lindolfo, Arnolfo, Baianinho, Dozel e Wilson
- > **COPEIRA:** Teresa
- > **AJUDANTE DE COZINHA:** João Cavalcante Batista, o Fuke